

ARCO DE BALÕES

Por José Eduardo da Costa Pereira Brum

A mesa de jantar permanecia bonita, em paz, com a decoração de aniversário. Ela sabia que ele não ia apreciar o esforço. Tinha parado de prestar atenção nela, no redor. Olhando minuciosamente o próprio trabalho, ela se preocupou com a possibilidade de que alguma criança pudesse destruir sua festa. De repente, o ar tinha ficado muito azedo por causa das guloseimas açucaradas. Os pirulitos eram muito grandes, não tinha certeza se os espetinhos com jujubas e marshmallow seriam um sucesso. Os cupcakes estavam deliciosos, motivo de orgulho. Teria sido difícil escolher entre eles e o bolo. O seu adorável sogro, viciado em doces, ficaria impressionado.

Ela deixou a bolsa de plástico com os últimos artefatos na mesa, no exato lugar vazio que iria receber, mais tarde, o bolo de glacê branco. De novo, as letras do 'Feliz' pregadas à parede haviam caído. A faixa apenas indicava 'Aniversário BRUNO'.

“Querido, você está pronto? Comprei os balões. Ainda preciso tomar banho.” Ela colocou as letras no devido lugar pela quinta vez. Acabou se recostando na parede, apertando-as para que pudessem ficar coladas. Por alguns segundos, tocou o restante da faixa que jazia sem se mover. “Feliz Aniversário, Bruno,” sussurrou a si mesma como se fosse a única merecedora de congratulações por administrar a vida de todos.

Ele veio calmamente pela cozinha e parou antes de aterrissar na sala de jantar, um pé dentro, outro fora. Pensou que adentrava, enclausurado, num espaço irreal, saído de uma revista de decoração, lindo, mas falso.

“Querido, não temos tempo.” Interpelou sem tê-lo visto. “Seu pai vai trazer o Bruno em uma hora. Ainda temos que encher o arco de balões.”

Ele tomou um longo fôlego. “Eu quero o divórcio.” Deveria ter trocado de roupa. Sua gravata dourada ainda estava bem encaixada em volta do pescoço, configurando uma armadura. “Eu quero o divórcio,” repetiu. Deslocada, ela achou que não tinha entendido. “Eu não quero mais estar casado com você.”

Ao se virar, imediatamente as palavras do 'Feliz' começaram a se desprender. Ficou exaltada. Tinham uma festa prestes a começar.

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

“Já encontrei um lugar. Não se preocupe com as minhas coisas. Peça alguém pra pegar.” Determinado, dava vida ao juiz que sonhava se tornar.

“Vamos falar disso mais tarde, depois da festa.” Ela reprimiu emoções. O ar muito doce a inebriou. Pegou o saco de balões coloridos e foi se sentar no meio do sofá. Sentiu-se desconfortável, mas não iria desarrumar as almofadas. “Temos convidados chegando.”

“Foda-se! São apenas sua família e amigos. A única pessoa que conheço é meu pai e eu o odeio como todo mundo. Que toda essa corja de inútil vá pra o inferno!”

Devagar ela abriu o saco de balões. “Por que você é tão impiedoso? Em uma hora, as pessoas que você odeia e eu amo vão chegar. Estou planejando a festa do Bruno por semanas. Ele está tão animado porque com quatro anos poderá aproveitar. Por que você está jogando essa bomba agora? Não podia esperar até nossas brigas habituais?”

“Não.” Ela soprou um balão amarelo. Ele andou e se sentou de frente pra ela, no chão. Sua gravata arrastou-se entre as pernas.

“Quando você decidiu nos deixar?” Ela soprou outro balão. “Esta manhã. Não posso mais viver uma mentira.”

“Não. Você não é tão vago assim. Pensou sobre essa decisão há dias. Não ligo pra quando decidiu me noticiar. Quero saber quando tomou a decisão.”

Olhando-a soprando balões, ele se lembrou de quão determinada ela costumava ser. “Faz muito tempo.”

“Seja mais específico!” Ela soava sem ar. “Assim que Bruno nasceu.” “Eu sabia!” Fechou os olhos. As lágrimas amargas apertaram as pálpebras. “Convidados... Nós temos... Nós temos uma festa,” resmungou. “Quem é ela? Eu conheço?” Suas veias do pescoço saltaram-se explícitas.

Ele pegou alguns balões vazios para brincar entre os dedos. Sempre odiou balões, simplesmente fadados a explodir. Soprou. “Não tem nenhuma mulher. Preciso ficar sozinho.” Enchia mais rápido que ela. Queria terminar o arco logo.

“Me fala! Quem?” Ela podia ouvir o próprio eco pela casa vazia. “Não vamos falar disso agora.” Ele parou de inflar um balão rosa e o soltou. Caiu bem em cima da mesa de aniversário.

“Eu sei que você tem alguém.” Ela se sentia incontrolável. “Você recebe ligações misteriosas, chega tarde, evita sair comigo, não temos mais sexo. Quem é a piranha?” “Você não conhece a pessoa.” Ele soprou mais três balões. Ela pegou um azul e o apertou. Pá! “Fica, por favor, fica pra

festa. É importante!” “Para o seu espetáculo? Para mostrar a todos o quanto somos perfeitos?” “Não, pelo Bruno.” Ela suspirou. “Ele é uma criança. Vai brincar o tempo todo. Vou embora hoje.” Ele se levantou. “O que fiz para merecer isso? É a minha aparência? É o jeito que eu falo?” “Você não fez nada. O problema sou eu.” Bum! Um dos balões explodiu. Ela parou de chorar. “Dei minha vida e uma família nova a você. Esperei anos por um bebê porque você quis priorizar sua carreira.”

“Eu vou sempre tomar conta de você.” Ela o encarou assim como Medusa faria perante os inimigos desiludidos. “A gente prometeu ficar juntos. Quero você na festa.”

Ele balançou a cabeça negativamente enquanto soprava mais balões que já se dispersavam pelo chão. Criavam um agitado e colorido mar.

“Você pode ir se me disser o nome dela. Quero saber quem é.” Ele deixou o ar sair de um balão vermelho antes de finalizar o nó. “É Jonas.” O tempo paralisou. A festa perdera o foco. Embora envergonhado, ele se sentia mais leve que os balões ao redor. Encarando as próprias mãos, ela soprava. Suas palavras de raiva tornaram-se desnecessárias. Os balões receberam e guardaram todas as frustrações.

Para ele, tudo significava uma orgulhosa celebração. Ilhados num tapete de balões, buscou o barbante. Passou a encaixá-los aleatoriamente. Apertava-os com força e firmeza, da mesma forma que esperava sua vida se transformar de agora em diante. Ela se arrependeu. Deveria ter comprado dois sacos de balões. Queria apenas soprar mais e mais.

Ele parou de frente, esperando pela ajuda para pregar o arco na parede. Ela apenas escutou o barulho das letras do ‘Feliz’ se desapegando novamente.

“Bruno não é seu filho.”

Boom! Outro balão explodiu. Ele soltou o arco no chão. Mais branco que o bolo prestes a chegar, ficou petrificado. “De jeito nenhum. Bruno é igual a mim. Ele é exatamente como eu. Quando era criança, eu era igual a ele. Você não seria capaz.”

Por um momento, ela sustentou o silêncio assim como uma barragem de hidrelétrica retém águas calmas e devastadoras. “Bruno tem um segundo nome. Qual mesmo?” Perguntou cínica e calmamente.

Ele relembrou o nascimento. “Contra minha vontade, você foi categórica, incisiva em prestigiar meu pai.” Já escorava lágrimas nos olhos.

“Você nunca se perguntou o porquê.” Ela retumbava atinada. “Por qual motivo eu decidi dar ao meu filho o nome do seu pai, mesmo sabendo que você o odeia.”

Ele não podia acreditar. O pranto pulou das vistas, descontrolado. Ela se levantou e desapareceu. Quando voltou, segurava um martelo e pregos. Ele uivava.

“Por quê?” “Aconteceu.” “Bruno é a coisa mais importante na minha vida. Como vou amá-lo de novo sabendo que meu filho é meu irmão?”

Ela pegou as letras do ‘Feliz’ e as pregou na parede com determinação. Não entortou nenhum prego. Ficariam na parede até quando quisesse.

“Eu achei que você me amasse.” O sussurro foi pontuado tal qual uma pergunta. “Eu achei que você me amasse.” Mas a sentença igual não foi pronunciada como resposta. Evidenciava-se uma descoberta mútua.

Ela olhou para o restante da faixa. Então, pregou ‘Aniversário’ e ‘Bruno’ também. “Você quer que eu cancele a festa?” Ainda segurava o martelo. Ele pulou e começou a pisar nos balões, destruindo o arco. Explodindo-os, parecia uma criança boba, da mesma forma que Bruno.

O barulho do lado de fora rompeu a bolha, cerrou os elos. Um carro tinha chegado, portas foram batidas. Ambos miravam a parede da sala, sentindo intrusos se aproximando. Logo, escutaram Bruno rindo, um contraste gritante ao silêncio palpável dos dois.